A CONCEPÇÃO UNIVERSALIZANTE DE CULTURA EM BENTO DE JESUS CARAÇA[1]

THE UNIVERSALIZING CONCEPT OF CULTURE IN BENTO DE JESUS CARAÇA

EL CONCEPTO UNIVERSALIZANTE DE CULTURA EN BENTO DE JESUS CARAÇA

Alda Domingos (aldadomingos@ipg.pt) *

RESUMO

Numa época, como é a nossa, em que o acesso de todos à educação, ao conhecimento científico e à cultura em geral é tido como um traço imperativo numa sociedade que se quer moderna e desenvolvida, reveste-se da maior importância a acção e o exemplo daqueles que, como Bento de Jesus Caraça, personificam um tal desígnio civilizacional. Neste trabalho pretende-se destacar a concepção universalizante de cultura como principal legado desta figura ímpar do século XX português, mas também a dimensão cívica e política do combate permanente por si travado para fazer daquela concepção uma realidade viva e actuante.

Palavras-chave: Bento de Jesus Caraça, cultura, acesso universal à cultura.

ABSTRACT

Considering the free and general access to education, knowledge and culture as an imperative feature of a modern, developed society, it is of utmost importance the action and the example of those who personify such a civilizational aim, as Bento de Jesus Caraça so well did. In this paper we try to point out the universalistic concept of culture as the main legacy of this outstanding individuality of the Portuguese twentieth century, as well as the

[1] Na publicação do presente artigo, cumpre-nos relembrar a iniciativa em boa hora empreendida no Instituto Politécnico da Guarda, corriam os anos de 2000/2001, para assinalar o centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, a qual se traduziu na realização, em Seia, de um Colóquio/Debate subordinado ao tema "Bento de Jesus Caraça e a Matemática", e na publicação de um livro, na "Colecção Politécnico da Guarda", intitulado *Bento de Jesus Caraça: Perspectivas sobre o Homem e a Obra.*

civic and political dimension of his permanent struggle to turn such concept into reality.

Keywords: Bento de Jesus Caraça; culture; general access to culture.

RESUMEN

En una época en la que el acceso de todos a la educación, al conocimiento científico y a la cultura en general es considerado como un imperativo en una sociedad que se quiera moderna y desarrollada, gana una importancia añadía la acción y el ejemplo de aquellos que, como Bento de Jesus Caraça, personifican dicho designio civilizacional. En este trabajo quisimos destacar la concepción universal de cultura como siendo el legado principal de esta figura singular del siglo XX portugués, así como la dimensión cívica y política de su permanente combate para que aquella concepción fuera una realidad viva y actuante.

Palabras clave: Bento de Jesus Caraça; cultura; acceso universal a la cultura.

* Docente do Instituto Politécnico da Guarda.

Submission: 23 November 2010
Acceptation: 28 December 2010

1. INTRODUÇÃO

Neste pequeno trabalho procura-se pôr em relevo a figura incontornável que foi Bento de Jesus Caraça, cuja vivência aconteceu na primeira metade do século XX, destacando de forma particular as suas ideias sobre a cultura – a existente e a que o autor defendia dever existir em Portugal, à época. Assim, neste trabalho não se dará especial realce aos estudos matemáticos que Bento Caraça realizou enquanto eminente matemático que foi, mas destacar-se-á principalmente a vertente humanística e cívica que esta personalidade cultivou de forma sistemática. Começamos, então, por apresentar uma breve análise biográfica de Caraça. Seguem-se algumas referências à sua actividade como matemático e académico neste domínio e noutros afins. Na terceira parte analisaremos as posições de Bento de Jesus Caraça no domínio cultural e a forma como daí sobressaem as suas características de cidadão preocupado e interventor perante o mundo que o rodeia. Sempre que se justifique, focaremos a oposição ideológica e política de Caraça relativamente ao regime ditatorial português então vigente.

2. BREVE ANÁLISE BIOGRÁFICA[2]

Bento de Jesus Caraça nasceu em Vila Viçosa a 18 de Abril de 1901. Os seus progenitores eram trabalhadores rurais, que em 1902 passaram a trabalhar na herdade da Casa Branca (na aldeia de Montoito), onde o pai era feitor. Cedo, Bento Caraça revelou a sua enorme capacidade de aprendizagem, terminando a escola primária em 1911, com distinção. Este facto levou a família Albuquerque, proprietária da referida herdade, a interessar-se por Bento, decidindo pagar-lhe os estudos seguintes. Deste modo, Bento Caraça frequenta o Liceu Sá da Bandeira, em Santarém, e, com treze anos, vai para Lisboa, para o Liceu Pedro Nunes, onde conclui o ensino secundário com elevadas classificações, em 1918. Neste mesmo ano ingressa no Instituto Superior de Comércio, que logo depois passou a designar-se por ISCEF - Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (actualmente, ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão). Em

[2] Esta primeira parte do trabalho baseia-se nos seguintes textos e obras: Bebiano (2001b), Instituto Camões (2003), Leone (s/d), Nascimento (1999) e Pereira (2001).

1919 Caraça é atingido por uma doença reumática que lhe provoca problemas cardíacos graves[3]. Contudo a doença não lhe afecta o rendimento escolar e, no mesmo ano, é convidado pelo conceituado professor e matemático Mira Fernandes para segundo assistente do primeiro grupo de cadeiras de Matemáticas Superiores (Álgebra Superior, Princípios de Análise Infinitesimal, Geometria Analítica), iniciando assim, apenas com dezoito anos de idade, uma carreira universitária brilhante.

Em 1923, Bento de Jesus Caraça conclui a sua licenciatura e, em 1924, é nomeado primeiro assistente, passando a reger no ISCEF o segundo grupo de cadeiras de Matemáticas Superiores (Análise Infinitesimal, Cálculo das Probabilidades e suas Aplicações). No final de 1926 casa-se com Maria Octávia Sena (filha do professor de Matemática no Liceu Pedro Nunes, Adolfo Sena), mas, em Setembro do ano seguinte, fica viúvo, sendo esta época de grande sofrimento para si. Ainda neste ano de 1927 é nomeado Professor Extraordinário e, dois anos depois, Professor Catedrático de Matemáticas Superiores, cargo que ocupou até ser demitido compulsivamente pelo regime de Salazar, em Outubro de 1946.

Na realidade, Caraça mantém, a par com a carreira académica, uma intensa actividade política e de intervenção social, marcada pela oposição ao regime político então vigente. São disso prova as muitas conferências que profere – destacando-se, por ser provavelmente a mais célebre, a que teve por designação *A Cultura Integral do Indivíduo*, proferida em 1933, na qual são expressas as suas concepções de cultura e de sociedade –, assim como a adesão, no mesmo ano de 1933, ao Núcleo de Intelectuais Simpatizantes do Partido Comunista Português (ao lado, por exemplo, de José Rodrigues Miguéis) e, em 1934, a sua participação na Liga Portuguesa Contra a Guerra e o Fascismo (ombreando, entre outros, com Luís Dias Amado e Manuel Mendes).

Em 1941 funda Caraça a *Biblioteca Cosmos,* da qual foi sempre o director até à data da sua morte. As publicações desta *Biblioteca* ascenderam, até 1948, a um total de 114 títulos e de 793 500

[3] Em virtude desta doença, e para fortalecer a resistência futura à mesma, Bento de Jesus Caraça passou a fazer estadias regulares na Serra da Estrela, normalmente em S. Romão, a partir donde realizava passeios e acampamentos pelos lugares e serranias circundantes, acompanhado de um guia e, por vezes, de amigos e intelectuais que ali o vinham visitar. A beleza e os largos horizontes da Estrela e o contacto com a maneira de ser, os problemas e as preocupações das populações locais, constituíram para Caraça uma importante fonte de análise e de reflexão (vd. Dobreira, 2001).

exemplares, com uma tiragem média de cerca de 7000 exemplares por livro (ver, por exemplo, Pita, 1992, p. 126), o que significa, de facto, um grande sucesso à escala nacional para a época.

Em 1943 Bento Caraça casa-se novamente, agora com Cândida Ribeiro Gaspar, sua antiga aluna; desta união nasce João Caraça, seu único filho. Neste mesmo ano funda, com outros camaradas, o Movimento de Unidade Anti-Fascista (MUNAF), sendo eleito para o conselho nacional deste, então presidido por Norton de Matos. Em 1945 torna-se membro do Movimento de Unidade Democrática (MUD), fazendo parte da sua comissão central.

Em Setembro de 1946 é-lhe instaurado um processo disciplinar pelo Ministério da Educação no seguimento de ter assinado um manifesto contra a admissão de Portugal na Organização das Nações Unidas (ONU) – pois Portugal não era, à época, um país livre nem democrático e, na opinião de Bento Caraça, devia possuir estas características antes de aderir à ONU; em resultado daquele processo foi expulso do ISCEF e da cátedra universitária, sendo-lhe proibida a docência não só no ensino público como também no ensino privado. Foi um período muito difícil, em termos económicos (Caraça sobrevivia dando explicações) e em termos pessoais (pois o ensino, o contacto com os alunos e com o meio universitário em geral, eram uma parte muito importante da sua vida). A agravar esta situação, já de si complicada, foi preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) em Outubro de 1946, em Dezembro deste mesmo ano e, pela terceira vez, em 1948, juntamente com outros membros do MUD, sendo esta organização entretanto proibida. Ainda interveio activamente, neste ano de 1948, na preparação da candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República.

Bento Caraça faleceu a 25 de Junho de 1948, vítima de longa doença cardíaca. O seu funeral foi uma manifestação de milhares de pessoas, que quiseram assim prestar-lhe uma última e sentida homenagem, por aquilo que ele fora e personificara numa vida tão curta; aquela manifestação foi silenciosa porque silenciada pela polícia, que não permitiu sequer que o elogio fúnebre que iria ser lido em voz alta por Ilídio Sardoeira acontecesse, tendo o texto daquele elogio sido depositado na urna juntamente com o corpo de Bento de Jesus Caraça.

3. O MATEMÁTICO E O ACADÉMICO

Para além do que já avançamos nas notas biográficas anteriores, cabem ainda algumas referências essencialmente respeitantes a alguns cursos, conferências e publicações que Bento Caraça efectuou no domínio da matemática ou com este domínio mais directamente relacionados. São os casos do Curso de Comércio e Finanças realizado em 1922 na Universidade Popular Portuguesa (UPP), do Curso de Iniciação Matemática leccionado em 1931 na mesma universidade, da conferência "As Bases Fundamentais da Matemática", proferida também em 1931, e da conferência "Aspectos do Conceito de Infinito" que aconteceu no Centro de Estudos de Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, em 1942 (Instituto Camões, 2003, p. 2).

Em 1938 propôs ao Conselho Escolar do ISCEF, com os professores Mira Fernandes e Beirão da Veiga, a criação do Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à Economia, o qual vem impulsionar os estudos econométricos em Portugal e sendo ainda Bento Caraça responsável pelo lançamento da *Revista de Economia*. Caraça foi também eleito director daquele Centro de Estudos, cargo que manteve até à extinção do mesmo em 1946, aquando da sua demissão compulsiva do ensino superior. Através deste centro – o primeiro de estudos da Matemática fundado em Portugal – foram realizados vários cursos, conferências e colóquios, procurando deste modo Bento Caraça combater o isolamento científico português existente na altura. Caraça foi também um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM), em Dezembro de 1940, sendo eleito presidente da mesma em 1943, criando e orientando a Comissão Pedagógica, que passou a ser um organismo da SPM. Também em 1940 fundou a *Gazeta de Matemática* em conjunto com outros professores, como António Aniceto Monteiro, Hugo Ribeiro, José da Silva Paulo e Manuel Zaluar Nunes; foi Caraça responsável pela Secção de Pedagogia desta publicação (Instituto Camões, 2003, p. 2; Bebiano, 2001b).

Em 1941/42 surge na colecção *Biblioteca Cosmos* a publicação da primeira edição de *Conceitos Fundamentais da Matemática*, livro(s) que, como veremos mais adiante, está na base da polémica entre Bento Caraça e António Sérgio. De facto, este livro é considerado um marco importante, dada a maneira como aborda a história da matemática e a forma como pretende divulgar a matemática a um público não especializado; ainda hoje é uma obra de referência para quem se quer iniciar nos aspectos técnicos, filosóficos e históricos da ciência matemática (Instituto Camões, 2003, p.2). No campo do

ensino e da investigação matemática destacam-se ainda as publicações *Integração Numérica e Interpolação Polinomial*, de 1933; *Lições de Álgebra e Análise*, publicada em 1935 e revista dez anos mais tarde (quando foi publicada, esta obra teve grande impacto entre os estudantes da época pois apresentava a matemática com uma linguagem nova, onde a teoria analítica dos números era tratada de forma clara e cativante); e *Cálculo Vectorial*, publicado em 1937.

Pode dizer-se que Bento de Jesus Caraça foi um matemático humanista, pois procurou humanizar o estudo da matemática, ciência "exacta" e "fria" por tradição, conseguindo torná-la atractiva e integrá-la no contexto cultural da sua época (Instituto Camões, 2003, pp. 2-3). É exactamente sobre esta vertente humanista do autor, que impregna toda a sua vida e obra, que nos iremos debruçar de seguida.

4. O HUMANISTA E O INTERVENTOR CÍVICO

Bento Caraça formou a sua personalidade e intelectualidade na primeira metade do século XX, muito marcadamente ligadas ao povo (onde tinha as suas raízes e do qual nunca se afastou, lutando sempre pela melhoria do seu bem-estar) e ao meio universitário onde se encontrava inserido. Contudo, a sua inserção neste meio não se fazia de forma tradicionalista, ou seja, Bento Caraça não se enquadrava de forma rígida num ensino superior universitário parado no tempo, descrito este tipo de ensino por Natália Bebiano do seguinte modo:

> De acordo com os testemunhos disponíveis, ensombravam o meio universitário português a obsolência, a abrangência restrita dos cursos ministrados e a contingência do nível científico. Por outro lado, as estruturas institucionais propiciavam a estagnação. Pela mão veneranda de professores mais antigos subia o aluno laureado às culminâncias da cátedra. A excelsitude do lugar conferia, por si só, a quem o ocupava a qualidade de deus da ciência, desnecessitando da pesquisa e da busca do saber. Em Portugal não existia qualquer tradição de investigação científica. (Bebiano, 1990, p. 8)

Pelo contrário, Caraça procurava a investigação, o saber, o contacto directo com os seus alunos, o trabalho conjunto com outros professores e, acima de tudo, que a generalidade dos indivíduos tivesse acesso ao conhecimento e que este não estivesse na posse apenas de uma elite – aquela que chegava às universidades. É este testemunho que nos dá Alberto Vilaça, dizendo acerca de Caraça:

> Figura de "intelectual de novo tipo", como já foi considerado, sempre se mostrou avesso ao elitismo e sempre foi um activo interveniente na transformação do seu meio social. (Vilaça, 2000, p. 14)

No mesmo registo, afirma por sua vez Natália Bebiano:

> A personalidade de Bento Caraça, contextualizada na História de Portugal da primeira metade do século XX, perspectiva-se na sua verdadeira grandeza enquanto impulsionador da cultura a estratos sucessivamente mais amplos de uma população em grande medida iletrada. Abstraindo das suas legítimas aspirações pessoais de cientista, Bento Caraça orientou a sua actuação tentando subverter essa realidade de iliteracia. (Bebiano, 2001a, p. 42)

É assim que vemos Bento Caraça não só ligado ao ISCEF, com todo aquele percurso que descrevemos na primeira parte deste trabalho, mas também ligado à UPP desde a fundação desta em 1919, integrando o seu Conselho Administrativo e posteriormente, em 1928, sendo eleito presidente da mesma UPP; nesta universidade reorganizou a biblioteca, criou o Conselho Pedagógico e realizou vários cursos e conferências. São aspectos de algumas destas conferências que aqui vamos ter em conta para expor o essencial do pensamento de Bento de Jesus Caraça, em particular no que ao tema da cultura diz respeito.

Comecemos então pela conferência intitulada *As Universidades Populares e a Cultura*, proferida na Universidade Popular de Setúbal em Março de 1931 (Caraça, 1978, pp. 3-10), onde Caraça já traça toda uma série de problemáticas que vamos ver depois retomadas e desenvolvidas noutros escritos e noutras conferências. Aborda o autor o aspecto do conhecimento, que segundo ele todo o homem deve possuir, para conseguir compreender e explicar melhor o mundo em que vive e, ao mesmo tempo, poder apreciar esse mundo, desenvolvendo assim no espírito do sujeito as noções de "belo" e de "arte". Atentemos nas próprias palavras de Bento Caraça:

> A experiência mostrou-lhe [ao ser humano] ( ) que só um caminho havia para assegurar com êxito a sua conservação – o *conhecer* quanto mais perfeitamente melhor. Isso fez nascer no seu espírito a ideia e a aspiração de investigar e procurar explicar cada vez melhor, isto é, a aspiração de um *conhecimento* cada vez mais completo.
>
> Mas nem só estas necessidades de ordem material impulsionaram sempre o homem; desde que a sua existência se encontrou suficientemente assegurada para não lhe ser necessário dedicar-lhe todos os seus momentos de atenção, o homem virou-se para a contemplação da natureza e dessa contemplação nasceu no seu

> espírito o *sentimento do belo*, origem de todas as suas manifestações artísticas. (Caraça, *op. cit.*, p. 5)

Outro assunto que surge no texto desta conferência é o problema das elites, detentoras de uma cultura, de um saber, defendendo Caraça que não deve ser assim, pois cultura significa liberdade e não exercício de opressão para quem detém essa cultura, donde deve-se promovê-la para todos os indivíduos e desenvolvê-la, sendo que tal cultura não se deve resumir de modo algum ao que vem escrito nos livros. Diz Caraça, a propósito:

> O que deve fazer-se é, não destruir a cultura, mas pelo contrário intensificá-la e desenvolvê-la cada vez mais, acabando com o seu monopólio numa classe ( ). Deve portanto promover-se a cultura de todos e isso é possível porque ela não é inacessível à massa; o ser humano é indefinidamente aperfeiçoável e a cultura é exactamente a condição indispensável desse aperfeiçoamento progressivo e constante.
>
> Compreendendo a cultura assim e não como um conjunto de coisas que estão escritas nos livros e que os estudantes têm de decorar não se sabe bem para quê, ( ) [d]eve [a cultura] em primeiro lugar *dar a cada homem a consciência integral da sua própria dignidade*. (*ibidem*, p. 8)

Há então uma identificação de cultura com liberdade, o que exigirá que seja promovida a educação de todos e a tomada de consciência sobre si próprio por parte dos indivíduos, bem como a solidariedade que este sentirá em relação aos demais. Diz-nos o autor:

> Eduquemos e cultivemos a consciência humana, acordemo-la quando estiver adormecida, demos a cada um a consciência completa de todos os seus direitos e de todos os seus deveres, da sua dignidade, da sua liberdade. Sejamos homens livres, dentro do mais belo e nobre conceito de liberdade – o reconhecimento a todos do direito ao completo e amplo desenvolvimento das suas capacidades intelectuais, artísticas e materiais.
>
> Assim, cultura e liberdade identificam-se – sem cultura não pode haver liberdade, sem liberdade não pode haver cultura. Deve ainda a cultura tender ao *desenvolvimento do espírito de solidariedade*. Não apenas solidariedade de cada um com os da sua família, da sua aldeia ou da sua pátria – solidariedade do homem com todos os outros homens de todo o mundo. (*Ibidem*)

Esta educação para a cultura, defende Caraça, deve, em condições ideais, ser promovida pelo Estado através das suas escolas e não através de instituições particulares:

> A escola deve ser ( ) aberta a todos e por consequência gratuita em todos os seus graus – primário, secundário e superior. Enquanto certos graus de ensino, pelo seu custo, só puderem ser frequentados pelos ricos, a cultura continuará a ser monopólio duma classe. (Ibidem)

Temos pois aqui uma ideia de escola e de escolarização, a qual será retomada e desenvolvida mais tarde pelo autor, nomeadamente na conferência intitulada *A Escola Única*, que proferirá em 1935. Contudo, a escola que existe não é esta, sendo que a situação se vai agravar ainda mais com a instauração do chamado Estado Novo e o prosseguir/aprofundar do regime ditatorial. Daí Caraça defender que se deveria fazer um esforço grande, contando com o empenho de todos os que assim pensam, para mudar a situação então vigente. É aqui que, no seu entender, a UPP terá um papel fundamental a desempenhar, o qual deverá ser conjugado com o de outras organizações e instituições sociais que partilhem preocupações semelhantes. Pela importância do tema e porque, na sua explanação, o autor deixa bem claras as suas concepções e projectos, faremos a longa citação que se segue:

> Enquanto a Escola não seguir no seu ensino a orientação exposta, não será um instrumento de liberdade e progresso mas sim um elemento impeditivo de felicidade, liberdade e justiça sociais.
>
> Por várias razões, a iniciativa desse movimento de transformação e renovação não sai do Estado; às Universidades Populares incumbe portanto o dever de serem as suas impulsionadoras activas.
>
> A sua acção é mais livre que a da Escola Oficial visto não terem as peias que esta tem e não terem a obrigação do cumprimento de certos programas prèviamente fixados. A sua liberdade na escolha das matérias do seu ensino é completa e podem ainda proporcionar a adultos que têm a sua vida de trabalho, e sem que a interrompam, a aquisição de conhecimentos que não poderiam ir buscar, dadas as condições da sua vida, à Escola Oficial.
>
> As Universidades Populares devem auxiliar todas as iniciativas particulares com os mesmos objectivos e ir ao encontro de todas as aspirações culturais das massas trabalhadoras, tentando sempre satisfazê-las.
>
> O seu ensino não deve cristalizar em certas fórmulas; se isso acontecer, tornar-se-ão obstáculos ao progresso. Devem constituir, por assim dizer, a vanguarda do ensino e a sua acção, sem contrariar a da Escola, deve ser um complemento dela.
>
> A sua utilidade e justificação da sua existência está nas possibilidades de libertação espiritual que der às massas trabalhadoras.

> Às organizações sindicais cabe um papel enorme nesse trabalho de libertação, promovendo intensamente a cultura dos seus membros.
>
> A emancipação futura da humanidade será o resultado da união de todos os esforços individuais e colectivos orientados pelos mesmos ideais. (*Ibidem*, p. 10)

Uma outra conferência de Bento de Jesus Caraça, talvez a mais célebre como antes referimos, é a que tem por título *A Cultura Integral do Indivíduo – Problema central no nosso tempo*, a qual foi realizada na União Cultural "Mocidade Livre", em Maio de 1933 (Caraça, 1978, pp. 29-58)[4]. Nesta, o autor discorre sobre o confronto entre o "individual" e o "colectivo", sobre a supremacia do primeiro sobre o segundo na sociedade do seu tempo (e ainda no tempo actual, acrescente-se!...) e sobre a necessidade que existe, na sua opinião, de que o "colectivo" comande a sociedade. É a este propósito, aliás, que Caraça sustenta que são as ideias revolucionárias (cujo poder se mede, afirma ele, *"pelo grau em que interpreta as aspirações gerais, dadas as circunstâncias do momento em que actua"*) que conduzem ao *"despertar da alma colectiva das massas"* (*ibidem*, pp. 39 e 48).

É também no texto da mencionada conferência que vemos Bento Caraça definir com mais pormenor a sua ideia de cultura. Sintetizando o pensamento do autor sobre este tema, expresso quer nesta conferência quer noutra que anteriormente referimos[5], afirma António Pedro Pita:

> O homem culto define-se, para Bento de Jesus Caraça, segundo três coordenadas: consciencializar a sua posição no universo e na sociedade; reconhecer a dignidade inerente a qualquer indivíduo e colocar como seu fim supremo o aperfeiçoamento interior. A cultura implica, pois, a dialéctica do *eu* e do *nós*: o indivíduo não existe para si, desenraizado dos outros e de condições que individualmente o transcendem. Pelo contrário: o homem existe sobre a Terra em resultado da evolução progressiva a que todos os seres vivos estão sujeitos, vida que conservará tanto melhor quanto mais solidárias forem as relações sociais estabelecidas pelos homens entre si. (Pita, 1992, p. 121)

[4] É nesta conferência que surge a tão conhecida frase de Bento Caraça *"Se não receio o erro, é só porque estou sempre pronto a corrigi-lo"*, frase esta que está inscrita, em sua homenagem, num baixo-relevo situado na entrada de um edifício do ISEG, em Lisboa.

[5] Referimo-nos à conferência *As universidades populares e a cultura.*

O caminhar do indivíduo na direcção da cultura (*"ser-se culto não implica ser-se sábio"*) vai-lhe permitir a *"conquista da liberdade"*. Há, contudo, um factor indispensável para que de facto o homem consiga trilhar a senda da cultura, factor esse que Bento Caraça também considera: é o aspecto económico; para que o indivíduo possa ser culto, ele tem que ser, antes de mais, economicamente independente, donde *"o problema económico é, de todos os problemas sociais, aquele que tem de ser resolvido em primeiro lugar"* (Caraça, 1978, p. 51). Note-se como esta constatação, quase vulgar e tautológica, é afinal tão importante na sociedade portuguesa da época, marcada não só pelo regime ditatorial, já de Salazar, como por todas as consequências deste em termos de atraso (económico, social, cultural, etc.), de pobreza, de ruralidade, de não-industrialização de Portugal; todos estes aspectos têm como corolário a não distribuição de riqueza, ficando esta nas mãos de uma pequena minoria, sendo o povo altamente sacrificado, mantido numa situação de miséria e de fome, e instruído no sentido de considerar a naturalidade e/ou a fatalidade de tal situação.

Remata Bento Caraça esta conferência frisando, mais uma vez, a ideia já atrás apontada de que a cultura não pode ser monopólio de uma elite, mas tem que ser reivindicada para toda uma comunidade:

> [O] que não deve nem pode ser monopólio de uma elite, é a cultura; essa tem de reivindicar-se para a colectividade inteira, porque só com ela pode a humanidade tomar consciência de si própria, ditando a todo o momento a tonalidade geral da orientação às elites parciais. (*op. cit.*, p. 53)

Escola Única foi outra conferência que Bento de Jesus Caraça proferiu na Sociedade de Estudos Pedagógicos em Abril de 1935 (Caraça, *op. cit.*, pp. 101-131). Nesta conferência, Caraça defende, de facto, a existência de uma Escola onde estejam presentes as características da coeducação, do laicismo, da gratuitidade e da selecção (pelas capacidades do sujeito). Diz o autor:

> A concepção que orienta a Escola Única é, ( ) a da abolição de privilégios perante a cultura – privilégios de sexo, privilégios de dinheiro, privilégios de crenças. A natureza humana é una e todo o ser humano é, por consequência, portador dos mesmos direitos; a todos deve, portanto, ser proporcionada a completa aquisição dos conhecimentos que lhe permitam viver dignamente a vida, conforme as suas capacidades – *uma só condição, uma só dignidade, uma só escola*. (*op. cit.*, p. 105)

E desenvolve ainda as seguintes ideias: *"os lugares de dirigentes da sociedade devem ser ocupados, não por aqueles que*

têm dinheiro para os comprar, mas pelos que, para o seu desempenho, mostrarem reais aptidões" (*ibidem*, pp. 105-106) – a propósito da última daquelas características (a selecção pelas capacidades do indivíduo), tema sobre o qual Bento Caraça disserta longamente na conferência em análise – e, a propósito da primeira daquelas características (a coeducação):

> [O] fundamento da coeducação está no reconhecimento, hoje quase unânime no mundo pensante, de que não há, além das naturais diferenças fisiológicas, nada que inferiorize a mulher em relação ao homem em face da cultura e que nada justifica, portanto, uma escola diferente para cada um dos sexos. A sua formação humana deve ser a mesma; as diferenças, quando tiver de as haver, pertencerão às escolas profissionais especiais e não à formação cultural básica. (*op. cit.*, pp. 106-107)

Ora, se mais factores não houvesse que marcassem a ruptura nítida entre o pensamento e a acção de Bento de Jesus Caraça, por um lado, e o regime político ditatorial então existente, por outro, bastariam apenas estas ideias avançadas pelo autor, relativamente à sua concepção de Escola, para justificarem, na perspectiva daquele regime, a perseguição que lhe foi movida mas que nunca demoveu Caraça das suas intenções. Na realidade, a escola salazarista era tudo menos aquilo que Bento Caraça propunha: era uma escola dividida por sexos, com escolas diferentes para rapazes e para raparigas; era uma escola não laica, onde a religião católica estava presente, onde os livros eram baseados em ensinamentos cristãos estereotipados – era a trilogia "Deus, Pátria, Família" que imperava (ver, a este propósito, Medina, 2000, pp. 169-176); era uma escola que à letra poder-se-ia considerar gratuita (ninguém pagava para frequentar a escola, em particular a primária, "obrigatória" e exígua de três ou quatro anos, consoante as épocas históricas do regime), mas pagavam-se os livros e outros materiais e, pior que isso, eram poucas as crianças que iam à escola, eram pouquíssimas as que prosseguiam os seus estudos, porque a selecção estava feita à partida – os pobres não iam à escola; a estes procurava o regime mantê-los na sua pobreza e ruralidade, exaltando as virtudes dessa "vida simples" e dessa "gente boa e pura", a quem não fazia falta a instrução ou, pelo menos, algum tipo de instrução, a quem bastava afinal, quando muito, conhecer os rudimentos de "ler, escrever e contar". Tendo em conta apenas estes aspectos, muito resumidamente portanto, se vê a diferença abissal entre a Escola que na realidade existia e aquela pela qual Bento Caraça pugnava.

A conferência *A Arte e a Cultura Popular* foi realizada por Bento de Jesus Caraça na UPP em 1936 (Caraça, *op. cit.*, pp. 133-149) e anda à volta de saber o que é a chamada cultura popular e o que a opõe à chamada cultura de elite, advogando Caraça que a cultura não deveria ser adjectivada – devia ser apenas isso (cultura simplesmente), cultura integral do indivíduo, como vimos anteriormente. Aquelas diferenças na cultura assentam no diferente protagonismo que os grupos sociais têm, havendo um grupo dominante que vai elaborando a sua cultura e que, de certa forma, a vai impondo aos restantes; mas, diz Caraça, não tem que ser assim – tudo vai depender da acção que os indivíduos possam ter e com ela influenciarem o curso da história. Diz-nos A. Pedro Pita a este propósito e citando também Bento Caraça:

> A referida relação dialéctica entre o eu e o nós afirma-nos que o indivíduo age e é agido na história. Age – e a história resulta em grande parte desta acção porque não há sentido previamente estabelecido: "não há fatalidade em história. O que acontecerá é sempre determinado pelo jogo dos elementos em presença"[6]. É agido, e a história é noutra parte produto desta acção porque "em cada momento o homem age sobre o meio que o cerca e o meio age sobre ele"[7]. ( )
>
> ( ) [S]ublinhar a relação dialéctica entre o eu e o nós é importante ( ) porque reconhece na acção dos homens a condição subjectiva indispensável para a realização de transformações históricas – e designa, num ponto preciso, toda a relevância da questão cultural. (Pita, *op. cit.*, p. 122)

Em várias outras conferências e noutros escritos Bento Caraça retoma e/ou desenvolve temas já abordados. É o caso da intervenção *Aspectos do Problema Cultural Português*, realizada em Novembro de 1946, pelo MUD, na "Voz do Operário". Nesta conferência o intelectual retoma toda a problemática da educação, agora actualizada para aquela época (meados da década de 1940) e realidade portuguesas, sendo focados, entre outros, aspectos relacionados com as reformas que vão (ou não vão) acontecendo nos diversos graus de ensino, tais como o fecho das Escolas Normais entre 1936 e 1942; o elitismo do ensino infantil (actual pré-primário); a criação dos postos de ensino ou postos escolares e o surgimento da figura do regente escolar em vez do professor primário; a diminuta obrigatoriedade da instrução pública para todos os indivíduos em geral; as elevadas taxas de analfabetismo, que no início dos anos 40 ainda ultrapassam os cinquenta por cento; o fraco investimento que o Estado Novo fez na educação; as deficientes

[6] «A arte e a cultura popular», p. 141 (nota do autor citado).
[7] Idem, ibidem, p. 141 (nota do autor citado).

condições de trabalho dos professores e a "política do medo", que também os atingiu tal como às mais diversas profissões exercidas nessa época em Portugal. A este propósito, diz Bento Caraça:

> Posso afirmar, sem receio de exagerar, que essas condições se caracterizam essencialmente assim: deficiência de meios pedagógicos; deficiência de meios materiais da vida do professor; limitação das condições de independência mental dos agentes educativos.
>
> O professor hoje, em Portugal, vive com dificuldade de vida e com *medo*, esse terrível medo que se apoderou da quase totalidade da população portuguesa. (Caraça, *op. cit.*, p. 203)

Antes de concluirmos este trabalho, uma breve referência à polémica, a que aludimos atrás, entre Bento Caraça e António Sérgio, em meados dos anos 40 do século XX, polémica essa que se estendeu por oito peças na revista coimbrã *Vértice*. O confronto entre ambos os intelectuais gira em torno do conceito de número e da natureza da ciência, provocado, esse confronto, pela publicação da obra de Caraça *Conceitos Fundamentais da Matemática*. Sabe-se que, para este, a ciência faz parte da cultura e, por isso, aquela deve estar ao alcance do cidadão comum – é a mensagem que perpassa ao longo de todo o seu discurso acerca da cultura e que foi o objecto de análise no presente trabalho. António Sérgio não partilha desta visão e daí a polémica entre ambos. Enquanto que Bento Caraça entende que no seu livro em causa se propõe cumprir explicitamente (dado o divulgador de ciência que ele é) duas exigências – *"[S]implicidade máxima na forma de exprimir, rigor máximo na forma de expor. De modo a trazer ao nível do homem comum o património cultural comum"* (Bento de Jesus Caraça, citado em Bebiano, 2001c, p. 15) -, António Sérgio refere, contrapondo:

> Em filosofia (se não digo asneira) não há resumos nem vulgarizações possíveis. Ou se estuda com verdadeiros filósofos ou não se estuda. O que torna interessante os seus problemas é a sua dificuldade. Facilitar tais problemas é deixar de vê-los e deixar de vê-los é deixar por isso de ser filósofo. O vulgarizador, quase sempre, assemelha-se a um professor de equitação que para facilitar as coisas suprimisse o cavalo (António Sérgio, citado em Bebiano, *op. cit.*, p. 15)

São pontos de vista diferentes os que estão em debate entre os dois intelectuais, são ideários diversos, não havendo possibilidades de aproximação entre as duas perspectivas. Como afirmam os autores que a seguir citamos, referindo-se à polémica entre Caraça e Sérgio:

> [A]mbos sabem que as suas posições são irredutíveis, não adianta cavar mais trincheiras porque não há nada mais a ganhar. Moral da história: não houve vencedor nem vencido. Esta polémica no campo das ideias da história e filosofia da ciência é importante na medida em que pôs em confronto teses opostas que na época pareciam polarizar uma grande influência sobre o meio intelectual português: é o confronto entre materialismo [Bento Caraça] e idealismo [António Sérgio], onde está patente a mesma ambição, dominando ambos os contendores, em implantar um ideário fundamental que contribua para a formação de um homem cultural e civicamente libertado. (Fitas, Rodrigues & Nunes, 2000, p. 498)

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho procurou-se, em relação a Bento de Jesus Caraça, pôr em relevo, particularmente, a ideia de cultura defendida e expressa pelo distinto intelectual nas suas múltiplas conferências e diferentes escritos. É uma cultura, como quisemos nomear no título deste trabalho, universalizante, isto é, universalista, no sentido de que todo o homem a ela deve ter acesso pela via do conhecimento, da educação, da ciência. Não deveria ser portanto uma cultura elitista, mas sim uma cultura de massas, uma cultura voltada para o povo. Só deste modo o povo poderia ter uma acção, uma intervenção, uma visibilidade na sociedade, que lhe permitisse adquirir direitos, ter uma palavra a dizer em prol do seu bem-estar, em defesa da sua vida e da sua emancipação, afinal. E é sempre este espírito, esta luta em favor de uma educação, de uma cultura para todos os indivíduos em geral, que guia Bento de Jesus Caraça ao longo de toda a sua (curta) existência. Como escreveu o seu filho João Caraça, no centenário do nascimento do pai, e referindo-se àquela acção por parte deste:

> Lutou até ao fim pela educação, pelo conhecimento e pela cultura para todos, sem quaisquer limitações impostas. (Caraça, 2001, p. 5)

BIBLIOGRAFIA

Bebiano, Natália (1990); "Bento de Jesus Caraça"; *Boletim da Sociedade Portuguesa de Matemática*; nº 17; Junho de 1990; 7-16.

Bebiano, Natália (2001a); "Matemática e Cultura"; in *Bento de Jesus Caraça: Perspectivas sobre o Homem e a Obra*; Guarda; Instituto Politécnico da Guarda; 37-82.

Bebiano, Natália (2001b); "Bento de Jesus Caraça: Esboço Biográfico"; *Gazeta de Matemática*; nº 141; Julho de 2001; 9-10.
Bebiano, Natália (2001c); "Bento Caraça e a Matemática, aquela Difusa Substância"; *Gazeta de Matemática*; nº 141; Julho de 2001; 11-23.
Caraça, Bento de Jesus (1978); *Conferências e Outros Escritos* (2ª edição); Lisboa; Edição da Família do Autor.
Caraça, Bento de Jesus (2002); *Obra Integral – Edição Crítica, Vol. I - Cultura e Emancipação (1929-1933)*; Porto; Campo das Letras.
Caraça, João (2001); "Bento de Jesus Caraça: Cem anos pela fraternidade"; *Gazeta de Matemática*; nº 141; Julho de 2001; 5-6.
Dobreira, Carlos Manuel R. S. (2001); "Bento de Jesus Caraça, cidadão e amante da Serra da Estrela"; in *Bento de Jesus Caraça: Perspectivas sobre o Homem e a Obra*; Guarda; Instituto Politécnico da Guarda; 7-18.
Fitas, Augusto J. S., Rodrigues, José Marcial & Nunes, Maria de Fátima (2000); "A filosofia da ciência no Portugal do século XX"; in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 2; Pedro Calafate (dir.); Lisboa; Editorial Caminho; 421-515.
Instituto Camões (2003); "Bento de Jesus Caraça (1901-1948)"; in *Ciência em Portugal*-Personagens; sítio da Internet: http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p19.html, acedido em 26-04-2010.
Leone, Carlos (s/d); "Bento de Jesus Caraça"; in *Figuras da Cultura Portuguesa*; Lisboa; Instituto Camões; sítio da Internet:
http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/bentojesuscaraca.html, acedido em 26-04-2010.
Medina, João (2000); "Ideologia e mentalidade do «Estado Novo» salazarista"; in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 2; Pedro Calafate (dir.); Lisboa; Editorial Caminho; 161-194.
Nascimento, Ulpiano (1999); "Caraça, Bento de Jesus"; in "Actualização" a Joel Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*, vol. VII; António Barreto e Maria Filomena Mónica (orgs.); Porto; Figueirinhas; Lisboa; Iniciativas Editoriais; 230-231
Pereira, José Pacheco (2001); *Álvaro Cunhal - Uma biografia política,* vol. 2; Lisboa; Círculo de Leitores.
Pita, António Pedro (1992); "Para situar a filosofia da cultura de Bento de Jesus Caraça"; *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. Trinta e Sete; 111-127.
Vilaça, Alberto (2000); *Bento de Jesus Caraça – Militante Integral do Ser Humano*; Porto; Campo das Letras.